INSTITUTO DE DIREITO PÚBLICO E CIÊNCIA POLÍTICA

O POSITIVISMO NO ADVENTO DA REPÚBLICA*

Presidente: THEMISTOCLES BRANDÃO CAVALCANTI
Coordenador: DJACIR MENEZES
Participantes: EVARISTO DE MORAES FILHO; PAULO MERCADANTE.

Presidente (*Themistocles Cavalcanti*) — Convocamos esta pequena mesa-redonda, cada vez menor, o Prof. Djacir Menezes e eu, para debater um assunto que nos tem preocupado bastante, que é a questão da participação positivista na Proclamação da República e em todo o processo anterior à Proclamação.

A questão é difícil; deve-se distinguir a participação militar e a civil, penetrando nos tempos que se seguem à Proclamação, para averiguar a influência que tiveram os primeiros ministros, como Demétrio Ribeiro, na elaboração de alguns atos fundamentais que instituíram a república.

Vou dar a palavra ao Prof. Djacir Menezes, que foi quem elaborou o roteiro deste encontro. Roteiro é o termo, porque se estabelece ali orientação geral para dar unidade ao debate, sendo apenas sinopse de sugestões. Ninguém estará obrigado a obedecer à sistemática.

Tem a palavra o Prof. Djacir Menezes.

Djacir Menezes — com a supervisão do Ministro Themistocles Cavalcanti, tive oportunidade de organizar este questionário que, como ele disse, não é propriamente um questionário. Seria melhor dizer-se que são sugestões e provocações em torno do tema.

Todos leram o que aqui se acha, de maneira que eu pediria ao Sr. Presidente que desse a palavra a um dos debatedores, a fim de que iniciemos logo a discussão, pois que nada tenho a acrescentar a estes quinze itens apresentados.

Presidente — Quem quer começar? Talvez Paulo Mercadante que, aliás, foi quem sugeriu o tema, numa conversa que tivemos.

Paulo Mercadante — Eu creio que a melhor maneira de aferir a influência do positivismo será partindo do princípio de que não houve propriamente

* Mesa-redonda realizada no dia 6 de abril de 1978.

um positivismo no Brasil. e sim um ecletismo positivista, mais ou menos aproximado ao positivismo italiano. Porque, em verdade, nós estamos atualmente assistindo a uma abordagem nova do positivismo e verificando que aquela intuição que Augusto Comte teve da ciência, e que entrava em contradição com o seu conhecimento da matemática, hoje, com a ciência moderna, possibilita uma vingança póstuma da ideologia dele. Isto quer dizer que a projeção do positivismo no Brasil ter-se-ia juntado às influências de Spencer, do naturalismo científico, restos do pensamento kantiano e de Buchner. Neste quadro, num processo de elaboração ideológica levado a efeito por bacharéis, principalmente pelos da escola de Recife, essa elaboração tornou-se eclética, um amálgama de diversas correntes, estando introduzida nessa ideologia uma ética que, posteriormente, ficou como resíduo das influências ecléticas e positivistas, num processo subseqüente à Proclamação da República, que está presente atualmente em nossa vida política e social. Então, a partir de um conceito, de um ecletismo positivista, é que acho que o assunto deva ser debatido, porque, na verdade, a resposta a essa segunda pergunta — se conheceram os líderes civis da propaganda republicana o positivismo como sistema político — teria que ser dada a partir de tal entendimento. Esse conhecimento é obtido nas leituras de Taine, nas da crítica francesa à filosofia de Augusto Comte. E, talvez, a influência do Littré na propagação desse pensamento tenha sido da maior importância para a formação do ecletismo positivista.

Se a gente admite que àqueles bacharéis do século passado faltava um embasamento científico para compreenderem a intuição social da ciência esposada por Augusto Comte, bem como a noção da ciência como procedimento público, se a gente admite que faltava a esses bacharéis uma certa base, inclusive da matemática que vai do período final do século XVIII até os primeiros ensaios, os primeiros estudos da escola francesa, a gente tem que considerar que o caminho lógico, natural, seria, realmente, um processo de aproximação com o ecletismo positivista menos ortodoxo, porque os fatores estetizantes na cultura latina teriam que conduzir o positivismo a uma forma mais mitigada e, portanto, mais apropriada ao pensamento brasileiro.

Djacir Menezes — Não lhe parece que, nessas suas considerações, há uma certa diminuição ou restrição da influência religiosa, pelos positivistas fundadores da república, Teixeira Mendes, Benjamin Constant, Miguel Lemos, que encarnavam mais aquela variante religiosa do positivismo?

Paulo Mercadante — Creio que sim, em razão justamente da ética dos Evangelhos, quer dizer, da influência de uma ética absoluta de Augusto Comte, que acabava servindo de suporte a uma idéia religiosa. Mas acredito que a idéia do ecletismo aqui se deva também a um sentido de afinidade entre o pensamento brasileiro e o latino. Os italianos foram até mais longe do que nós, porque o ecletismo italiano se tornou positivista, até o próprio Marx foi jogado nesse confuso amálgama. No Brasil, esse casamento do positivismo com o marxismo se daria mais tarde, por in-

termédio do Prof. Leônidas de Rezende, formando um novo quadro de uma versão positivista de marxismo.

Para resumir, acho que o ponto de partida seria fugir um pouco de uma conceituação rígida do positivismo como sistema, para admitir aquilo que é nacional, o positivismo nacional, o ecletismo positivista brasileiro.

Presidente — Com a palavra o Prof. Evaristo de Moraes Filho.

Evaristo de Moraes Filho — Discordo, frontalmente, do meu amigo Paulo Mercadante. Nós dois temos leituras comuns, muito comuns, principalmente sobre a escola de Recife, que é uma das nossas paixões. Lá está um Sílvio Romero, um Tobias Barreto, e foi por intermédio do positivismo, principalmente littreísta francês dissidente da ortodoxia comtiana, que ele penetrou no Brasil. De modo que é a escola francesa, também latina, não é só a italiana, é a escola francesa, com Littré, Augusto Comte, Lafitte, que, no meu entender, influencia mais o positivismo brasileiro. Concordo, e já dizia o nosso saudoso Ivan Lins — expressão dele —, que o positivismo "pegava de galho" e, no Brasil, também, ele "pegou de galho". Com os bacharéis, com os militares, que estavam preparados, estes, para o conhecimento matemático de Comte. "Pegando de galho", chamava-se de positivismo, positiva ou positivista toda manifestação científica. Daí, este certo imperialismo positivista, que não decorria propriamente de Comte ou do seu sistema. Ou melhor, decorrida de Comte, porque ele achava que o sistema dele era a *ultima ratio,* a meta final do desenvolvimento científico da humanidade. De modo que a ciência seria positivista ou não seria. Eu mesmo tenho grande simpatia pelo sistema, não na fase religiosa, mas na primeira, porque a segunda era muito dogmática. Littré e Comte chegaram ao Brasil antes de Spencer, que só veio a morrer em 1903. De modo que, quando apareceram as primeiras manifestações na Bahia, e principalmente depois, com a escola de Recife, a partir de 1868, que é uma reação antiespiritualista de Tobias Barreto e Sílvio Romero, também é por meio de Littré e Comte que se manifesta esse positivismo. Quando Ivan Lins publicou a *História do positivismo no Brasil,* escrevi três artigos de comentário no *Jornal do Brasil.* Estão transcritos na *Revista Brasileira de Filosofia.* Considerava-se positivista aqui, em completa confusão com a ciência, que entrava no mesmo denominador, todas as manifestações anticlericais, antimonárquicas, enfim todas as manifestações progressistas da época, até as socializantes. Havia grande confusão, com Múcio Teixeira e Martins Júnior, de uma poesia científica, positivista e socializante ao mesmo tempo. Eu lembrava isso, nesses artigos sobre o Ivan Lins. Por exemplo, Raimundo Correia, o parnasiano, em 1879, quando se estava tornando bacharel, em São Paulo, aderiu também à idéia nova. De modo que as expressões "idéia nova", e "novos ideais" (título de um livro de Múcio Teixeira) eram daquela época e abrangiam tudo o que significasse anti-realeza, antimonarquia, anticlericalismo, pela ciência, pelo progresso, pelo socialismo. Era tudo isso, nesse bolsão. Mas quem tomou a dianteira, pelo menos cronologicamente — e isso foi dito por Tobias Barreto, Sílvio

Romero e Clóvis Bevilacqua —, foi o positivismo. No meu entender, de Littré e de Comte. De Littré, com esses dissidentes; e de Comte, principalmente, pelo apostolado positivista mais tarde criado, em 1881, na linha de Lafitte.

Trago, aqui, o primeiro livrinho de um dos seus criadores, que são os *Pequenos ensaios positivistas,* de Miguel Lemos, de 1877, antes, portanto, da fundação do Apostolado Positivista. Neste livrinho — surgido quando ele acabava de ser expulso da Escola Politécnica, juntamente com Teixeira Mendes, por haverem atacado o Visconde do Rio Branco, seu diretor, citando Comte, diretamente Comte, só Comte —, ele se manifesta antimonárquico, contra a monarquia constitucional, pela república. Está aqui, vou ler uns trechos.

Presidente — Mas ele já manifesta o espírito republicano?

Evaristo de Moraes Filho — Sim, já manifesta, como vimos em mais de um passo das citações que fiz.

Contudo, não vêm fora de propósito estes dois parágrafos de João Camilo de Oliveira Torres, baseado no opúsculo de Miguel Lemos e Teixeira Mendes, *Nossa iniciação no positivismo*: "Miguel Lemos já era notavelmente conhecido no Partido Republicano, quando os conselhos de um amigo levaram-no a estudar as concepções matemáticas contidas no primeiro volume do *Cours de philosophie positive.* Em pouco tornava-se um dos mais entusiastas das teorias epistemológicas de Augusto Comte.

Por outro lado, levado pelas calorosas recomendações de Benjamin Constant, Teixeira Mendes começou a estudar Augusto Comte, na parte matemática de sua obra. Conhecendo depois Miguel Lemos nos meios republicanos, iniciou-se por seu intermédio nas doutrinas filosóficas de Comte."[1]

Djacir Menezes — Quer dizer, o Manifesto de 70 já estava circulando.

Evaristo de Moraes Filho — Miguel Lemos e os demais positivistas eram republicanos.

Paulo Mercadante — Permite-me um aparte?

Evaristo de Moraes Filho — Pois não.

Paulo Mercadante — Sugeri o sentido de interpretar o positivismo ecleticamente. Sei, perfeitamente, como todos, em relação aos estudiosos do positivismo, que muitos houve que conheciam o positivismo. Mesmo na área do pensamento científico brasileiro já havia condições, na época, para uma compreensão da intuição social da ciência de Augusto Comte.

Acho, concluindo, que no Brasil penetrou primeiro o positivismo comtista ou o littreísta, heterodoxo, cientificista, quer em Recife, Salvador ou Rio de Janeiro.

Djacir Menezes — Clóvis Bevilacqua foi littreísta.

[1] Torres, João Camilo de Oliveira. *O positivismo no Brasil.* Petrópolis, 1957. p. 32.

Evaristo de Moraes Filho — Praticamente todos eles. O próprio Tobias Barreto o foi. Sílvio Romero mesmo disse que Tobias ia diretamente à fonte, isto é, a Comte, mas era mais littreísta e não exatamente comtista.

Mesmo quanto a Recife, há um certo exagero — que me perdoe o meu amigo Antônio Paim, que devia hoje estar aqui participando deste debate — quando, baseados numa simples frase de Virgílio de Sá Pereira, declaram alguns que, devido a Tobias, o positivismo foi afastado de Recife. Exagero evidente. Quando Sá Pereira publicou sua plaquete em 1917, originou-se ela da polêmica que mantivera com o positivista Joaquim Eulálio. Daí o seu extremado sentido negativista da influência de Comte no Nordeste. É exagerada a afirmativa: Clóvis nunca negou a sua forte inclinação positivista, como positivistas foram Martins Júnior e Aníbal Falcão, este sob a forma mesma de religião.

Aníbal Falcão, republicano e abolicionista exaltado, encontrava-se no Rio de Janeiro a 15 de novembro de 1889, associando o seu nome e o da escola de Recife, digamos assim, à proclamação da República. Ainda quando tudo parecia ser um mero golpe de Estado contra o Gabinete, partiram Silva Jardim, Pardal Mallet, José do Patrocínio e Aníbal Falcão, da redação da *Cidade do Rio,* na Rua do Ouvidor, 97, em direção ao Conselho Municipal, do qual participava Patrocínio como vereador e por isso possuía a chave do palácio. Ali reunidos, redigiram uma ata proclamando a república, que é o primeiro documento da fundação do novo regime. O vereador mais moço proclamara a república, da janela, perante o povo, ao mesmo tempo que era içada uma bandeira com o barrete frígio.[2]

Presidente — Mas qual foi a influência positivista nisso tudo?

Evaristo de Moraes Filho — Foi total, porque positivistas eram Silva Jardim, Martins Júnior e Aníbal Falcão, republicanos históricos estes dois últimos; sem falar em Benjamin Constant, verdadeiro inspirador e fautor direto da adoção da forma republicana de governo, com o desaparecimento da monarquia entre nós. Os positivistas, sob qualquer modalidade, eram todos republicanos, com permanentes manifestações antimonárquicas e anticlericais. Queriam a república, a separação da Igreja do Estado, o cemitério secularizado, o casamento civil, e assim por diante. A quase-totalidade deles também foi abolicionista. E culpavam a monarquia pelo atraso do País; só a república o salvaria.

Paulo Mercadante — Augusto Comte realmente foi o primeiro filósofo que conhecia a ciência, conhecia todas as ciências e soube analisá-las do ponto de vista global. Soube prever que a sociedade industrial iria ser baseada no cálculo científico e nos métodos modernos de aferição dos dados. Isso não se nega.

Porém eu quero tomar o positivismo em outro sentido, mais na sua projeção pelos anos seguintes, como uma coisa brasileira.

[2] Moraes, Evaristo de. *Da monarquia para a república.* Rio, 1936. p. 155-6.

Não nego, por exemplo, que o positivismo tenha sido estímulo para a grande revolução na biologia, a ruptura com Barther, com a escola barteziana. O trabalho de Comte sobre Broussais e as suas incursões no campo da fisiologia representaram o advento da moderna biologia. Também não se pode ignorar que isso foi o começo da grande revolução aqui operada na Faculdade de Medicina da Bahia, no campo também da medicina. Posteriormente, isso representou uma fusão entre as escolas tradicionalista e moderna.

Sabemos que o positivismo reagiu realmente como um grupo avançado contra as idéias espiritualistas e ecléticas do século passado. Porém o que quero deixar claro é que no Brasil ele não foi puro. Ele foi um positivismo que se foi mesclando, que se foi misturando. O próprio Benjamin Constant, que exerceu grande influência no advento da República, não era positivista no sentido próprio da palavra. E a parte do Apostolado é diferente. Ela foi para o lado religioso e religião ninguém discute.

Há como, por exemplo, Samuel de Oliveira, positivista, professor de matemática e de mecânica, que depois partiu para uma concepção evolucionista e modificou o seu pensamento. Tobias e Sílvio começaram com o positivismo. O próprio Clóvis sofreu influência marcante do positivismo. Então vemos que todos começaram pelo positivismo e acabaram entrando naquele novo ecletismo brasileiro. Substituía-se Victor Cousin por um grupo de pensadores franceses, de que participava, evidentemente, Augusto Comte. Posteriormente, com as novas escolas, com novo proletariado, aparece o positivismo italiano. Vamos encontrar um Varela no começo do século, com aquelas suas arestas, que chegam até a se confundir com o fascismo. Vamos encontrar Francisco Campos na absorção do positivismo jurídico italiano. Eu não quero negar, mas sim considerar o processo.

Evaristo de Moraes Filho — acho que você está-se afastando do tema, passeando muito difusamente, já proclamando uma segunda ou terceira república em 37. Eu estou exatamente dentro do temário, em torno da Proclamação da República, e ao que a antecedeu. Aqui no ensaio de Miguel Lemos, *Monarquia constitucional,* de 1876, ele já cita Augusto Comte. Fala numa página sobre o construtor da ciência social, o grande Augusto Comte. Adiante ele cita Littré, só baseado neles, porque quando a escola italiana veio influenciar um pouco a nossa filosofia social e política, já foi no começo deste século, com Clóvis Bevilacqua e outros.

Toda gente sabe que Augusto Comte não conseguiu tornar-se professor efetivo, não vou dizer "titular", na Escola Politécnica. Lá permaneceu como repetidor. Mesmo em 1826, depois de ter iniciado o seu curso de filosofia positiva...

Paulo Mercadante — Augusto Comte era inteiramente desatualizado em matéria de matemática. Ele não podia, realmente, acompanhar o pensamento francês porque ele estava algumas dezenas de anos...

Evaristo de Moraes Filho — Mas isso não tem nada a ver com a república no Brasil. Se dois e dois fazem cinco ou quatro pouco importa...

Paulo Mercadante — Mas aí é que está o problema. Comte tentou construir uma estrutura sociológica baseada numa ciência ultrapassada.

Evaristo de Moraes Filho — Mas isso é outra coisa.

Paulo Mercadante — Então, na verdade, como havia no Brasil necessidade de combater o ecletismo filosófico, a monarquia, o atraso econômico, o clero tradicionalista, a escravidão...

Evaristo de Moraes Filho — Mas eles foram abolicionistas fanáticos.

Paulo Mercadante — ...uma concepção que chegava com idéias novas, descrevendo o advento da sociedade industrial, elogiando a ciência, embora sem nenhum cunho científico, é claro que tinha de ser aceita por todos, porque era mais um aliado. Ocorre, entretanto, que todas as conquistas da república só foram aprovadas quando houve uma concordância do espírito liberal brasileiro porque aquilo que os positivistas pregavam, se os liberais fossem contrários, não teria bom êxito.

Evaristo de Moraes Filho — Porque os liberais tinham maioria absoluta na Assembléia.

Paulo Mercadante — E não só isso. Eles refletiam, realmente, a estrutura brasileira. Quer dizer, a oligarquia cafeeira era mais propensa a aceitar as teses cautelosas do liberalismo brasileiro do que as aventuras dos positivistas no campo de uma pretensa ciência.

Djacir Menezes — Clóvis Bevilacqua foi littreísta.

Evaristo de Moraes Filho — Todos eles. O próprio Tobias Barreto o foi. Sílvio Romero mesmo disse que Tobias ia diretamente à fonte, mas era mais littreísta e não exatamente comtista.

Mesmo em Recife, os dois mais ortodoxos positivistas o eram. Aqui eu nego até o meu querido Antônio Paim, citando isso. Aliás, uma coisa curiosa foi a polêmica de Joaquim Nascimento Silva, tio do atual ministro da Previdência Social, irmão do Francisco Eulálio, em 1917, aquela célebre polêmica que ele teve com um civilista da escola de Recife e da nossa faculdade, que foi desembargador, Virgílio Sá Pereira. Quando eles tiveram essa polêmica, Virgílio Sá Pereira era positivista. Daí ele ter feito acerbada crítica ao positivismo, colocando uma frase que é muito repetida até hoje, ao dizer que "todas as escolas de Recife têm afastado o positivismo do Nordeste". E Martins Júnior, que foi talvez o mais brilhante pensador político, como agitador do Império, com simpatia, como orador foi o mais brilhante da escola de Recife.

Aníbal Falcão, que veio proclamar a república aqui no Conselho Municipal, na tarde de novembro de 1889, com José do Patrocínio, está entre os que hasteiam a bandeira no Conselho Municipal do Rio de Janeiro, proclamando a república. E aí é que a república foi proclamada, porque houve um ato. Não foi a espada de Deodoro que a proclamou. Ele proclamou militarmente, nós sabemos.

Presidente — Mas qual foi a influência positivista nisso tudo?

Evaristo de Moraes Filho — Foi total. Aníbal Falcão era ortodoxo e entrou depois no positivismo religioso. Dos republicanos históricos de Recife, dentre os que estavam à frente e participaram, encontravam-se Silva Jardim, em 1889, Aníbal Franco e Martins Júnior, todos republicanos históricos os mais fanáticos, os maiores que Recife já teve.

De maneira que o positivismo, quer na forma heterodoxa littreísta, quer na forma ortodoxa, que mais tarde vai dar o Apostolado Positivista, no meu entender sempre foi inimigo da realeza, da monarquia constitucional, um crítico ideológico desse sistema todo e proclamador da ditadura republicana da república propriamente dita.

Djacir Menezes — Quando se passa em vista a literatura produzida pelo Apostolado Positivista no Brasil, verifica-se que são muitas as publicações. Eu, certa ocasião, vi encadernados na livraria Kosmos a coleção completa, que cobria metro e meio do balcão, e foi comprada pelo autor de *Da monarquia à república,* o Sr. Boehrer. Não pude comprar porque o preço era mais alto, só acessível ao dólar. Eram os números do Apostolado.

Evaristo de Moraes Filho — Vamos ficar em torno da Proclamação da República. A matemática de Comte podia não estar de acordo com a ciência de seu tempo. Muito bem. Mas foi ela que dominou a Escola Militar e a Escola Politécnica. Foi a matemática positivista, comtiana, que dominou, no fim do século passado e começo deste, toda a Escola Politécnica e toda a matemática brasileira, iniciando-se com Benjamin Constant, da Escola Militar.

Paulo Mercadante — Mas aí está a contradição, porque essa matemática não podia servir de base para um procedimento público. Só a matemática moderna é que pode.

Evaristo de Moraes Filho — Mas, no momento, por uma ironia da História, essa ideologia, que era dominante no Brasil, foi a que serviu. De tal maneira, por exemplo, que Euclides da Cunha, que foi aluno de Benjamin Constant e tinha uma admiração enorme, exagerada a meu ver, por Augusto Comte, dizia que a *Síntese subjetiva* de 1856, era o maior livro do século XIX.

Paulo Mercadante — Mas ele foi ler esse livro às vésperas da morte, quando estava fazendo concurso de lógica.

Evaristo de Moraes Filho — Euclides morreu em 1909, quando já tinha passado o furor positivista. Como ciência atrasada, dogmática, errada, foi esse positivismo que dominou a ciência no Brasil. A reação com Oto Alencar e Amoroso Costa vem surgir bem depois. Fico com João Camilo de Oliveira, quando declara ter sido Benjamin Constant o proclamador da república no Brasil. Ele não faz por menos. Acho que a república foi um simples golpe militar. Eu estou com ele. Mas o inspirador foi Benjamin.

Paulo Mercadante — Foi uma questão de golpe de Estado.

Evaristo de Moraes Filho — Exato, golpe de Estado com a espada de Deodoro e adesão de Floriano, do contrário não haveria república

Djacir Menezes — Quer dizer que não tinha valido nada toda a propaganda desde o Manifesto de 70. Tudo isso ficava sem efeito.

Evaristo de Moraes Filho — João Camilo dá isso como causa remota, não como causa principal. A propaganda republicana, a questão religiosa são as causas coadjuvantes, mas a questão militar é a principal, a crise da questão militar, com Deodoro à frente.

Presidente — O golpe não exclui o resultado da propaganda anterior.

Evaristo de Moraes Filho — De pleno acordo. Mas sem a questão militar, que exacerbara os ânimos do Exército, nem a constante pregação de Benjamin Constant, que havia mais de 10 anos vinha preparando a mocidade da Escola Militar, talvez a república não se tivesse proclamado a 15 de novembro de 1889. Os maiores e principais líderes militares passaram pelas mãos de Benjamin, mestre querido e muito admirado, de vida impoluta. De certa feita, escreveu Alceu Amoroso Lima que o positivismo era a única doutrina que se apresentava coesa e sistemática quando da Proclamação da República.

Isto está solenemente declarado no art. 8º, das Disposições Transitórias da Constituição de 24 de fevereiro de 1891: "O Governo federal adquirirá para a Nação a casa em que faleceu o Dr. Benjamin Constant Botelho de Magalhães e nela mandará colocar uma lápide em homenagem à memória do grande patriota — o fundador da república."

Este é um ponto pacífico, que dispensa a inútil acumulação de numerosas citações. Basta que se consulte a *História do positivismo no Brasil*,[3] com depoimentos de Deodoro, Rui, Quintino, Sólon Ribeiro, Demétrio Ribeiro, Dionísio Cerqueira, entre outros.

Presidente — O Manifesto de 70 não tem qualquer traço de positivismo.

Paulo Mercadante — A articulação do golpe de Estado foi obra de civis. O trabalho foi todo feito pelo liberalismo. Os positivistas militares foram utilizados porque dispunham das armas para servir o imperador que, aliás, cairia até sem intervenção armada, talvez.

Djacir Menezes — E o papel da ditadura republicana?

Evaristo de Moraes Filho — Peço licença para ler, antes, um pequeno trecho do livro *Demétrio Ribeiro — ação documentada*.[4] Como se sabe, Demétrio Ribeiro saiu do Governo em 31 de janeiro de 1890. Positivista ortodoxo, consultou Miguel Lemos e Teixeira Mendes antes de aceitar o cargo de ministro.

Presidente — Isso é depois.

Evaristo de Moraes Filho — Não, quero me referir a acontecimentos bem contemporâneos da Proclamação da República. Ainda como ministro, a 11 de dezembro de 1889, recebe grande manifestação de militares, todos mais ou menos afinados com a doutrina positivista: "No dia 11 de

[3] Lins, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. p. 311 e segs.

[4] *Demétrio Ribeiro — ação documentada*. 1. ed. *In memorian*. Rio de Janeiro, 1934.

dezembro de 1889, às 14h30min, comissões do Exército e da Armada, representantes da brigada acadêmica e vários outros cidadãos dirigiram-se ao Ministério da Agricultura, a fim de cumprimentar o respectivo ministro, e prestar-lhe toda a adesão."

Dizia o Coronel Cândido José da Costa, comandante da 2ª Brigada, em certo trecho: "Para a realização das idéias que representais no Governo, as classes militares de nossa Pátria vos oferecem adesão franca e sincera, não só em períodos de paz, como em qualquer emergência a que possa ser lançado o Governo da República."

Afirmava o Capitão-tenente Nelson de Almeida, representante da Armada: "Para termos uma república estável, feliz e próspera, é necessário que o Governo seja ditatorial e não parlamentar; que seja temporal e não espiritual, o que implica a supressão de toda e qualquer ordem de privilégios."

Mais extenso do que os outros, eis alguns trechos da fala de Augusto Tasso Fragoso, representante do Exército: "Eu que não represento aqui somente essa mocidade acadêmica, que se engrandece sob as denominações de Escola Superior de Guerra e Escola Militar, mas que presumo ter a honra de representar o Exército brasileiro, que tomou a si a obra da regeneração da nossa Pátria, venho protestar-vos a nossa adesão às reformas que empreendeis, firmadas na doutrina dessa nova filosofia, que é a única forte e regeneradora, que é a única doutrina capaz de encerrar a fase crítica e revolucionária em que a humanidade se agita desde a Idade Média, e sem o ascendente da qual a sociedade não poderá desenvolver-se de acordo com a moral real e científica. Significando-vos estas idéias, cuja implantação em nosso espírito é devida ao mestre que ali está (indicando o Sr. Benjamin Constant) (aplausos), esperamos que sabereis conservar-vos à altura em que a condições históricas vieram colocar a Pátria brasileira..." "É firmado nas lições dessa filosofia que, estou certo, também vos inspiram, que vos recordamos o pensamento do egrégio filósofo, quando sintetizou como qualidade características do verdadeiro governo — força e responsabilidade."

Como se vê, jovens das classes armadas, ainda em 89, iam hipotecar solidariedade e apoio à obra de Barata Ribeiro. E tudo isso doutrinação de Benjamin Constant. Pouco importa a acusação surgida bem mais tarde, em nossos dias, de que Benjamin Constant e sua doutrina positivista, antiguerreira, foram os responsáveis por uma certa paisanização do nosso Exército, mais preocupado com idéia filosóficas do que propriamente com a arte da guerra...

Djacir Menezes — Olhem este item 14.

(Lendo) "A ideologia positivista defendendo a participação crescente do Exército no processo político, como garantia das instituições, não educaria mais para a vida política do que para os ideais militares?"

Evaristo de Moraes Filho — Exato. Sobre isso há unanimidade. O Eduardo Prado já falava nisso, assim como o admitia toda a gente que viveu e escreveu àquela época.

Paulo Mercadante — Essa compreensão não excluía a vontade de manter os privilégios, porque, quando houve a crise militar, o que caracteriza bem é mais o problema ético do que, propriamente, o problema político. O Visconde de Pelotas, quando coloca a honra acima das leis, naquele discurso que fez no Senado, procura dar uma demonstração de que qualquer que fosse a participação do militar na política, uma coisa tinha que ficar clara: a honra do militar estava acima das leis. Uma tese impossível a um civil de defender.

Presidente — A verdade é que os positivistas não proclamaram a república?

Evaristo de Moraes Filho — Direta ou indiretamente, consciente ou inconscientemente, ela foi proclamada obedecendo à ideologia positivista. Agora, concordo com o João Camilo: a influência direta do positivismo depois de proclamada a república foi de três meses. Quando sai Demétrio Ribeiro do Ministério da Agricultura, decai a influência dentro do Governo, embora as principais teses — a separação da Igreja do Estado, a secularização dos cemitérias, a bandeira nacional etc. — já estivessem sido adotadas, pelo menos, elaboradas. Mas depois, quem permanecia no Governo era Benjamin Constant, que não era ortodoxo, afinado com o Apostolado.

Paulo Mercadante — Aí é que vem a influência desse ecletismo positivista, porque depois vêm as reformas de ensino, a do Colégio Pedro II, a da Escola Normal, onde não há um positivismo puro, mas uma convergência que se projeta aos nossos dias, até 1978. A influência do ecletismo positivista vem até agora, até 1978.

Evaristo de Moraes Filho — Sem dúvida, até este exato momento. Coincidência ou não, adota-se agora o que aconselhava Miguel Lemos: na ditadura republicana, a sucessão do ditador não se dava por eleição popular, e sim por indicação sua, que escolheria livremente o seu sucessor...

Presidente — Deodoro também adotou eleição indireta.

Evaristo de Moraes Filho — Mas nem era indireta, o sucedido é quem indicava. Está lá, textual...

Djacir Menezes — Ficava sem *referendum*.

Paulo Mercadante — Você se lembrou do Euclides fazendo o elogio do Comte, mas o Euclides só conhecia de Comte, até as vésperas do exame de Lógica, a parte relativa à matemática.

Evaristo de Moraes Filho — À matemática, exato.

Paulo Mercadante — O mesmo ocorre com Benjamin Constant. Este jamais conheceu o sistema político de Comte, apenas conhecia a parte matemática. Ele fazia aquela apologia da ciência, e todos os estudantes da Escola Militar e os de engenharia, que lhe conheciam a parte matemática, diziam-se conhecedores da obra política e sociológica do Comte, embora

a fundo não a conhecessem, porque era fácil conhecer o pensamento do Comte em suas linhas gerais. Bastava saber aquele programa político, para se ter uma idéia do que ele pretendia.

Djacir Menezes — Mas há outros aspectos interessantes: é que o pensamento positivista penetrou nas áreas da Faculdade de Medicina e apareceram várias teses sobre funções do cérebro, por exemplo, do ponto de vista comtiano, do materialismo daquele tempo, localizações cerebrais etc.

Paulo Mercadante — Mas isso em virtude de um opúsculo de Augusto Comte sobre o Tratado de Broussais. A partir desse trabalho do Comte, os primeiros golpes desfechados contra a teoria bartesiana, na França, repercutiram aqui, porque era muito comum, no Brasil, o estudo da medicina na Europa, e os três grandes reformadores da medicina baiana são três estrangeiros: um alemão, um inglês e um português.

Evaristo de Moraes Filho — Mas, de qualquer maneira, isso tudo nos está levando a uma só conclusão: esse pensamento parcial ou total, heterodoxa ou ortodoxamente, influenciou a Escola Militar, a Escola Politécnica, bacharéis de Recife, estudantes de medicina. Quer dizer, todo o pensamento, vamos dizer assim, dogmático do positivismo, embora os sofreu essa influência. Esse ecletismo vai surgir depois, com o enfraquecimento do núcleo positivista inicial e com a infiltração de outras doutrinas.

Presidente — Mas nada disso está no Manifesto.

Evaristo de Moraes Filho — Não, mas de qualquer maneira essas idéias estavam no espírito do tempo. Daí dizer Ivan Lins, com razão, que muitas vezes é classificado como positivista aquele que, simplesmente, está integrado no espírito científico do seu tempo, nada mais que isso. O Manifesto, sendo antimonarquista, progressista, ou pela federação, tudo isso estava no espírito renovador do tempo. E coincidia, então, com o pensamento. vamos dizer assim, dogmático do positivismo, embora os seus autores não fossem positivistas, não tivessem nenhuma relação com Comte.

Presidente — Mas a maioria dos autores do Manifesto, provavelmente, não conhecia o positivismo.

Evaristo de Moraes Filho — Mas, querem ver uma coisa curiosa? Tavares Bastos morreu em 3 de dezembro de 1875. Ele nasceu em 1839, começou a produzir em 1861 e foi morrer em 1875. Pois bem, fazia a apologia da ciência e da técnica em seu tempo. Não aparecem Comte nem positivismo em sua obra. Mas julgava a ciência, a ciência moderna; dizia que a monarquia estava atrasada. Isso era Tavares Bastos, o grande liberal.

Paulo Mercadante — Em 1868, já havia um quadro confuso. Eu acho que a única pessoa pura, nesse quadro todo, foi a Nísia Floresta, porque esta foi positivista por amor.

Evaristo de Moraes Filho — E, segundo você, por amor mesmo, não é? Você diz que a Nísia sentou-se à escrivaninha do mestre...

Djacir Menezes — De qualquer maneira, tudo isso eram correntes de um pensamento vanguardista...

Evaristo de Moraes Filho — A idéia nova, os novos ideais.

Djacir Menezes — ...porque a reação à resistência conservadora tinha-se acoitado toda no tomismo, no espiritualismo religioso, no Victor Cousin, repetido nos autores nacionais.

Evaristo de Moraes Filho — Exatamente, no padroado, que era a Igreja...

Paulo Mercadante — Realmente, o positivismo tinha força de demolir...

Evaristo de Moraes Filho — E com muito mais paixão do que Spencer, porque Spencer estudava a sociedade mais como pensador, mais como filósofo, não tinha essa paixão política de Augusto Comte, que queria criar uma sociedade à imagem da sua ideologia. Havia muito mais ímpeto em Comte, até demais.

Djacir Menezes — É que Spencer estava ligado mais ao progresso das ciências biológicas e ao darwinismo, que despontaram no meio do século.

Paulo Mercadante — Outra coisa extraordinária é a certeza de Comte do valor da ciência como instrumento de transformação social.

Evaristo de Moraes Filho — Isso até hoje. O impacto da ciência no meio social é hoje mais válido do que nunca. Não é a ciência de Comte, certo, mas é a ciência.

Presidente — Teria havido alguma influência da ditadura republicana positivista no sistema político que nós adotamos?

Djacir Menezes — No Rio Grande do Sul...

Evaristo de Moraes Filho — Acho que sim. Nisto, estou com o Paulo. Até hoje temos resquícios do pensamento positivista.

Paulo Mercadante — E o Rio Grande do Sul, com positivismo, representou uma tendência na República Velha. Pinheiro Machado, que não era um ideólogo, mas um ativista, o Borges de Medeiros, Castilho. A influência do positivismo no Sul é, realmente, marcante.

Evaristo de Moraes Filho — Acho, por exemplo, que o positivismo é uma escola conservadora. A princípio, assustou, foi progressista, revolucionária, radical, mas, no conjunto, é uma escola conservadora. Entre a ordem e o progresso, Augusto Comte está mais pela ordem.

Djacir Menezes — É justamente uma contradição interessante: o pensamento conservador funcionando revolucionariamente na História.

Evaristo de Moraes Filho — Entende Comte que o progresso é simplesmente a ordem que se transforma lentamente. Adotava aquela frase do Luiz Felipe, em 1830, de que "só se destrói aquilo que se substitui". De modo que este é um pensamento conservador e, no meu entender — digo-o com a maior sinceridade — foi a maior desgraça do Brasil.

Djacir Menezes — Por quê?

Evaristo de Moraes Filho — O nosso pensamento até hoje é conservador.

Paulo Mercadante — É uma coisa importante. Está, hoje, ocorrendo uma verdadeira revolução. Na casa do Paulo Carneiro ele me mostrou o levantamento que está fazendo das revisões de Augusto Comte. É o que Franco Ferramoti denomina de "vingança póstuma de Augusto Comte". Vinga-se daquele desprezo que sofreu. A sociedade está, realmente, toda ela influenciada pelo cientificismo. Comte pôde, realmente, dar sua contribuição.

Evaristo de Moraes Filho — Ele foi um dos precursores da tecnocracia, que, também, é outro malefício, porque achava que só engenheiros — é a expressão que ele usava, nos primeiros ensaios — qualificados é que poderiam cuidar da coisa pública, da coisa social. Dizia que a ciência exata — matemática, física, química — só os técnicos poderiam manejar; era preciso ser um iniciado também na ciência social, na ciência política, que deveriam ser entregues aos técnicos, longe do voto ou das opiniões leigas.

Paulo Mercadante — Agora, imagine a projeção. Observe, também, como se projetou, nos nossos dias, a partir de 1964, a revolução fortemente influenciada pelo Rio Grande do Sul, quando os presidentes têm sido gaúchos e militares. Houve como que uma passagem de poder para os tecnocratas, os engenheiros e os economistas. Então, são raízes positivistas que estavam no Rio Grande do Sul. Começaram com Vargas, em 1930.

Djacir Menezes (interrompendo) — E se agravaram.

Paulo Mercadante — Aí há um problema sério: assim como Comte não conseguiu chegar ao humanismo a que visava — pelo menos ele tentava uma forma humanística de pensamento —, também o pensamento tecnocrático ou pragmático não vai conduzir a humanismo algum.

Presidente — Voltando à minha indagação da influência da ditadura republicana sobre o regime criado. Não teria sido maior a influência de Rui Barbosa?

Evaristo de Moraes Filho — Depois dos primeiros momentos. Estou de acordo. Enquanto estiveram no poder Benjamin Constant e, principalmente, Demétrio Ribeiro, que representavam o positivismo mais ou menos ortodoxo, a influência positivista dentro do governo deliberante, como centro de decisão, era grande. Apesar de Rui Barbosa ser a maior cabeça da república, como ministro da Fazenda, ele ainda não era...

Djacir Menezes (interrompendo) — Mas ele revela nas suas reformas de ensino já uma tendência...

Evaristo de Moraes Filho (interrompendo) — Exato. Vou chegar lá. Depois que sai Demétrio Ribeiro e começa a Assembléia Constituinte, aí sim, os positivistas ficam em minoria absoluta.

Paulo Mercadante — Mas vão influenciar no terreno da educação.

Evaristo de Moraes Filho — Da educação. Mas voltando ao que falava o Prof. Djacir. Quando Rui Barbosa, na sua mocidade, traduziu as

Lições de coisas, o fez sob a influência da ideologia científica da época. Rui Barbosa revela-se um pragmatista, um positivista, dizendo que a infância deveria começar pelas ciências exatas, coisas práticas e concretas e assim por diante.

Djacir Menezes — Na reforma do ensino superior.

Evaristo de Moraes Filho — Em 1882, quando ele dá os pareceres sobre a reforma do ensino primário, secundário e superior, abrange todo o sistema de educação e não só o superior. É puramente, não vamos dizer, positivista, mas está dentro dessa ideologia científica. Substitui o direito natural pela sociologia. Foi um precursor absoluto da sociologia no ensino jurídico.

Vou contar apenas um fato a respeito do anticlericalismo inicial de Rui.

Djacir Menezes (interrompendo) — Veemente.

Evaristo de Moraes Filho — Veemente, e quem o diz é o prefaciador da obra de Rui que saiu há dois ou três meses, *O Papa e o concílio,* Prof. Djacir Menezes. Pois bem, meu pai participou dessa ideologia, pois nasceu em 1871. Quando ele se fez rapaz, com a abolição e a república, integrou-se no anticlericalismo. Em 1911, publicou um livrinho do qual possuo um único exemplar: *A Moral dos jesuítas, por um discípulo da companhia.* É claro que anticlerical, criticando os jesuítas e sua ação através da História. Pois bem, leva-o ao Rui cheio de entusiasmo. Rui repudia e não o aplaude. É que o grande brasileiro àquela altura, já estava mudando, se considerava seguidor do anticlericalismo. Meu pai contou-me isso. Ele pensava que iria agradar ao mestre, pois Rui era o mestre. Mas ele, Rui, já havia mudado de opinião. No fim, acabou católico, ortodoxo.

Paulo Mercadante — Ele era contra o tradicionalismo católico do século passado. Recuou porque não podia defender o liberalismo naquela fase.

Evaristo de Moraes Filho — Mas veja, Mercadante, foi este o papel social que ele desempenhou, com Macedo Soares, Tavares Bastos, Saldanha Marinho. *O Papa e o concílio,* a pedido de Saldanha Marinho, foi o livro mais radical e anticlerical da época.

Paulo Mercadante — Há o caso de liberais extremados.

Evaristo de Moraes Filho — Sei, mas não chegou nem de longe aos extremos desse anticlericalismo, chegando a atingir o papa.

Paulo Mercadante — Mas bastou o papa passar para o lado liberal, no final do século, para que o liberalismo se acomodasse.

Evaristo de Moraes Filho — Terminando tudo isso, acho que o positivismo foi a principal ideologia — vamos voltar ao mestre Themistocles Cavalcanti — da proclamação da República. A ideologia da ditadura republicana corresponde de certo modo à ditadura do proletariado. Por-

que em ambas é preciso ter um ditador forte, central, capaz de conduzir a mudança social.

Djacir Menezes — Foram as ditaduras quadrienais que se sucederam depois da República.

Evaristo de Moraes Filho — De certa maneira. Eu possuo um livro de Lastarria sobre a *Política positiva,* tradução de Lúcio Mendonça, mais tarde ministro do Supremo. Toda a gente foi envolvida por essa mentalidade à qual não escapou, Pedro Lessa, grande ministro do Supremo! Quer dizer, ortodoxo ou eclético, como quer o Prof. Mercadante, diluído ou concentrado, seja lá como for, essa diretiva, essa doutrinação positivista dominava, de certa maneira dominava. Lastarria, que é um dos pregadores da ditadura republicana, achava que só ela realizava esses ideais de pureza, de transformação da sociedade, de integração do proletariado à sociedade moderna, e assim por diante. Por isso mesmo, Demétrio Ribeiro ficou, na minha matéria, direito do trabalho, como um dos seus precursores do Brasil. Deu férias aos funcionários da Agricultura, reconheceu a sua associação de classe. Aí é que está, de certo modo, o seu conservadorismo. Quando se fez essa integração, digamos, como acontece com Marx ou Comte, esses sistemas colocam sua ideologia como uma meta final da humanidade, além da qual a humanidade não se desenvolve mais, estanca. A Revolução de 30 fez isso com a questão social. Fez a legislação do trabalho, incorporou o proletariado ao Estado brasileiro e o manifestou até hoje. Quer dizer, acabou propriamente aquela liberdade, embora anárquica, que o Ministro Themistocles conheceu e, talvez, muitos aqui também tenham conhecido. Antes de 30, havia muita agitação, muita confusão, mas, afinal de contas, muita liberdade mesmo.

Presidente — Mais ou menos.

Evaristo de Moraes Filho — Mais ou menos sim, mas a repressão também não era organizada, em sentido permanente. Num discurso de Getúlio Vargas, de 31, ele diz: "Não se iludam. A nossa legislação social é conservadora." Isto para tranqüilizar a burguesia nacional à época; e o é até hoje. Só se assusta com o direito do trabalho quem não percebe que ele é conservador.

Presidente — Ele incorporou o proletariado ao Estado. À sociedade não, ao Estado.

Evaristo de Moraes Filho — Perfeito; esta é que é a verdade. As exposições de motivo de Lindolfo Color, uma delas de 31, nominalmente citam Comte. Essa ideologia castilhista, com Borges de Medeiros e outros, vem desembocar em 1930 e mesmo depois; daí, com razão, ela estar presente na história brasileira até hoje.

Paulo Mercadante — É ela que realiza as reformas.

Evaristo de Moraes Filho — Mas sempre pregando a ditadura republicana.

Djacir Menezes — Aliás, como uma vez já disse o Ministro Themistocles, temos o próprio Arthur Bernardes. Ele foi o maior ditador durante seu quadriênio na Primeira República.

Evaristo de Moraes Filho — Vou aqui abrir um parêntese. Lendo, outro dia, as memórias de João Alberto, que foi interventor em São Paulo logo depois da Revolução de 30, encontrei um trecho em que ele diz que os tenentes, participantes da Coluna Prestes, quando a Revolução de 30 eclode, já no final, como movimento armado, não sabiam o que fazer, porque estavam combatendo ao lado de Bernardes, contra o qual tinham combatido o quadriênio todo, de 1922 a 1926. Bernardes em 30 estava dentro do bolo da Revolução, era seu adepto. Daí eu achar que é essa a conclusão da Revolução de 30: foi um belo movimento que se perdeu. Ficou quase que meramente eleitoreira.

Djacir Menezes — Você conhece melhor epitáfio para a Primeira República, do que aquela exclamação de Rui Barbosa, em discurso, quando exclamou da tribuna: "Pobre beócio constitucionalizado!"

Paulo Mercadante — Na verdade, a República Velha foi uma grande conciliação do liberalismo com essas tendências, com essa *mélange* positivista.

Evaristo de Moraes Filho — Vemos os velhos liberais, dentre os quais incluo meu pai, que aí era um social-democrata, apoiando a Revolução. Muito se citava idéias e ideais que levaram à formação da justiça eleitoral, ao Código Eleitoral, logo depois de 30, em 32.

Djacir Menezes — Não esquecendo Assis Brasil...

Evaristo de Moraes Filho — Depois temos alguns socialistas, reformistas, que apoiaram a Revolução de 30. Os corporativistas apoiaram também; Oliveira Viana e outros. De modo que houve um bolo, uma confusão ideológica, um amálgama tão grande, que no fim impôs-se a mentalidade constitucionalista de Getúlio Vargas. Ela é que foi rompendo essa confusão toda, nem tanto à esquerda, nem tanto à direita, impondo uma diretiva ideológica nacional, de cunho positivista.

Presidente — No momento da opção entre Antônio Carlos e Getúlio Vargas, venceu Getúlio Vargas.

Paulo Mercadante — No Rio Grande do Sul, Getúlio Vargas se aproveitou da fraqueza da oligarquia civil. Minas Gerais e São Paulo estavam destruídos em 1930 até 33 mais ou menos.

Evaristo de Moraes Filho — Quanto às palavras finais do Prof. Themistocles a respeito da luta entre Antônio Carlos e Getúlio Vargas, considero que se tivesse vencido Antônio Carlos teria sido uma revolução mais liberal, mais aberta, diferente.

Djacir Menezes — Eu diria um espírito um tanto caudilhista, bem salutar como revanche à politicagem reinante.

Evaristo de Moraes Filho — Um amigo nosso, Joaquim Pimenta, tem um belo ensaio sobre a Revolução de 30, onde ele diz que essa revolução

foi meramente eleitoreira, de superfície, acha que não foi uma revolução de mudança de estruturas sociais.

Djacir Menezes — E o mestre Joaquim Pimenta?

Presidente — Pimenta queria dentro da doutrina dele uma estrutura diferente.

Paulo Mercadante — Uma coisa curiosa aí existe, por que razão no processo de radicalização que ocorre de quando em vez no Brasil...

Evaristo de Moraes Filho — Mas sempre o pensamento conservador vence depois.

Paulo Mercadante — Não sei.

Evaristo de Moraes Filho — Mas isso está no seu livro. A consciência conservadora...

Djacir Menezes — Feliz ou infelizmente. E eu aqui estou introduzindo um juízo de valor.

Evaristo de Moraes Filho — Como aconselha o mestre Corção.

Presidente — Djacir, você quer dizer alguma coisa?

Djacir Menezes — Eu já interferi o quanto pude, provocando suficientemente os dois debatedores presentes, de maneira que as idéias foram bem desenvolvidas. As provas seguirão para cada um, pois temos um apanhado completo dos debates. Apenas espero que façam as correções e devolvam o mais rápido possível, para ver se podemos publicar logo.

Presidente — Seria bom que você resumisse as conclusões a que chegamos.

Djacir Menezes — Prefiro seguir o comportamento adotado até aqui, evitando esse resumo, porque repetiria as idéias fundamentais que afloraram dos debates, e isto o leitor encontrará quando ler as exposições de cada um.

Paulo Mercadante — Eu não considerei a discordância do Evaristo, porque ele acabou chegando ao ponto de vista de que realmente o positivismo aqui é uma doutrina muito ampla. O positivismo se transformou de fato numa mecânica e não numa dinâmica. Ele não foi regular, não foi normal, mas com altos e baixos e, neste ponto, não estamos em desacordo.

Evaristo de Moraes Filho — Quero frisar que começou com Littré, Augusto Comte na frente.

Djacir Menezes — Eu poderia dizer o seguinte: iniciando, o Prof. Mercadante falou no positivismo italiano, como tendo certa influência no Brasil no sentido de acentuar-lhe o ecletismo, um positivismo mitigado.

Evaristo de Moraes Filho — Mas não na Proclamação.

Paulo Mercadante — Quando toquei no assunto, eu o fiz do ponto de vista global, mostrando que ele saiu de uma incursão no campo da fisiologia, passando depois pela escola de Recife, 68 ou 69, e depois entrando no limiar do século confuso, passando por Spencer, para chegar até os italianos.

Djacir Menezes — E nesse processo de elaboração, foram mencionados Littré e outros, que muito influíram, de alguma forma, no Brasil.

Evaristo de Moraes Filho — Entra em linha componente o caráter que teve de reação contra um pensamento conservador religioso, devido a Cousin e outros. Citei ainda o livro de Ivan Lins e a crítica feita nos três artigos que eu tinha lido. Finalmente, o pensamento religioso canalizado mais pelo apostolado positivista que de certa forma é um pensamento meio cerrado, digamos esotérico, ao passo que o positivismo littreísta difundiu-se muito mais nos meios intelectuais, atingindo faculdades, politécnica, medicina e, portanto, mais atuante na decorrência dos fatos políticos. Era mais ou menos isso.

Presidente — A idéia republicana que foi elaborada mais pelos políticos e da qual saiu o Manifesto de 70 e os outros manifestos que se sucederam teve seu impulso final dado pelo positivismo.

Evaristo de Moraes Filho — Impulso desencadeante.

Presidente — Mas, originariamente, foram os políticos do Estado de São Paulo etc...

Evaristo de Moraes Filho — Cito João Camilo de Oliveira Torres a esse respeito. Ele dá Benjamin Constant como o principal artífice ideológico da república. Penso que é matéria pacífica.

Paulo Mercadante — Era pela autoridade moral. Não era pela ideologia.

Pode-se observar que os professores militares tiveram grande influência na Revolução de 64. Todos aqueles coronéis que presidiram inquéritos eram professores da Escola Militar. Isso ocorre nos períodos revolucionários. O homem que tem a tropa vai procurar o seu professor.

Evaristo de Moraes Filho — A Escola Superior de Guerra é uma preparação ideológica.

Presidente — Terminando, agradeço o comparecimento dos nossos amigos que supriram a ausência dos que não puderam comparecer. Agradeço a valiosa contribuição que nos ofereceram.

Muito obrigado a todos.